

Etnicidade na Amazônia Antiga:
reconstruindo identidades do passado por
meio da arqueologia, da linguística e da
etno-história¹

Jonathan Hill

Southern Illinois University, Carbondale, EUA
E-mail: jhill@siu.edu

Resumo

Este ensaio explora como a etnogênese, hibridização, identidades persistentes e seus conceitos relacionados estão sendo trabalhados atualmente na antropologia do Amazonas. A aproximação teórica se apoia na caracterização que James Clifford (2004) realiza da etnogênese, entendendo-a como o processo de “refazer autenticamente” novas identidades sociais através da redescoberta e transformação criativa de componentes da “tradição” como narrativas orais, textos escritos e artefatos materiais. Por meio de uma breve descrição do projeto “Historias comparativas Arawak” (Hill and Santos-Granero, eds., 2002) apresenta-se o contexto intelectual imediato onde se busca uma integração rigorosa de pesquisas realizadas desde sub-disciplinas, desenvolvido em diferentes oficinas e encontros (Hornborg and Hill eds., 2011). O conceito de etnogênese tem se revelado importante ao estimular pesquisas que atravessam fronteiras disciplinares.

Palavras-chave: Identidades Indígenas. Amazônia. Etno-história. Linguística. Arqueologia.

Abstract

This essay explores how ethnogenesis, hybridity, persistent identities, and related concepts are currently being developed in Amazonianist anthropology. The theoretical approach builds upon James Clifford's characterization (2004) of ethnogenesis as a process of 'authentically remaking' new social identities through creatively rediscovering and refashioning components of 'tradition,' such as oral narratives, written texts, and material artifacts. A brief overview of the 'Comparative Arawakan Histories' project (Hill and Santos-Granero, eds., 2002) will serve as a way of establishing the immediate intellectual context for the much more rigorous integration of research across sub-disciplines that has been developed in a series of international workshops and meetings (Hornborg and Hill eds., 2011). The concept of ethnogenesis has emerged as an important means for stimulating research that cuts across sub-disciplinary boundaries.

Keywords: *Indigenous Identities. Amazonia. Ethnohistory. Linguistics. Archaeology.*

I Introdução

Este trabalho explorará como os conceitos de etnogênese, hibridização, identidades persistentes e outros relacionados estão sendo atualmente aplicados na antropologia amazonista, a fim de criar meios mais adequados para compreender o desenvolvimento histórico das identidades sociais indígenas na longa duração. Um resumo do projeto “Histórias Comparativas Arawak” (Hill; Santos-Granero, 2002a) será o meio para descrever o contexto intelectual imediato em que se integram as atuais pesquisas realizadas desde as diferentes subdisciplinas. A última seção deste trabalho explorará algumas pesquisas resultantes de uma série de oficinas e conferências que reuniram especialistas em etnologia, arqueologia, linguística e etno-história amazonista da América Latina, Europa e dos EUA. Esses acadêmicos foram especificamente selecionados para tratar de temas históricos de etnogênese e construção identitária em uma primeira oficina “Mapeando culturas” na Lund University (Suécia, 2006), numa sessão dupla sobre “Padrões da etnogênese na Amazônia indígena na longa duração” da conferência da *American Anthropological Association* (Washington, DC, EUA, 2007) e numa oficina sobre “Etnolinguística amazonista” na Lund University (2008).

Definida como “[...] um conceito que engloba ao mesmo tempo lutas políticas e culturais dos povos a fim de criar identidades persistentes em contextos gerais de mudança e descontinuidade radicais [...]” (Hill, 1996a, p. 1), a etnogênese fornece uma abordagem analítica útil para compreender a construção de identidades coletivas como contestação histórica por parte de um povo, assim como seu posicionamento dentro de uma história geral de desigualdade política

e econômica. Dentre os sul-americanistas, o conceito de etnogênese ganhou espaço nos últimos dez a 15 anos junto a outras ferramentas conceituais como “fricção interétnica” (Oliveira, 1964), “zona tribal” (Ferguson; Whitehead, 1992), “sistema regional de interdependência” (Arvelo-Jimenez; Biorid Castillo, 1994), “história mítica” (Hill 1988), “etno-etnohistória” (Turner 1988) e “história xamânica” (Hill, 1999, Fausto 2002), como parte da ampla “revolução temporal” (Fausto; Heckenberger, 2007, p. 2-3) na antropologia da América do Sul indígena que procura re-historicizar povos indígenas da região.

Em um ensaio introdutório para um volume recente de *Time and Memory in Indigenous Amazonia: Anthropological Perspectives* (2007), Carlos Fausto e Michael Heckenberger discutiram as mudanças que, simultaneamente, apontam para uma “Nova História da Amazônia” e uma “Nova Etnografia da Amazônia”. A tensão entre essas duas novas tendências – uma enfatizando as relações de poder durante os séculos de expansão dos estados coloniais e nacionais nas Américas, a outra privilegiando ontologias indígenas e histórias alternativas – permeia boa parte da pesquisa antropológica das últimas décadas. É gratificante ler a conclusão de Fausto e Heckenberger que podemos ou, de fato, devemos continuar a explorar essa tensão dinâmica de modos que

[...] reconheçam que os sistemas indígenas de representação, ainda hoje incorporados em práticas xamanísticas e as evocações poéticas de um passado mítico e histórico, que constituem uma abordagem paralela e bastante sofisticada das contradições entre nacionalismo e identidades indígenas. (Hill, 1999, p. 394, apud Fausto; Heckenberger, 2007, p. 19)

Entretanto, se há concordância geral que o objetivo de “[...] relacionar mundos incompatíveis ainda é possível e politicamente necessário [...]” (Fausto; Heckenberger, 2007, p. 19), a questão de como atingir esse objetivo continua a gerar diferentes interpretações, controvérsias e mal-entendidos entre os sul-americanistas. Por exemplo, o argumento de que a eficácia de narrativas históricas indígenas “[...] se baseia na própria fusão de mito e história, e não na separação das duas [...]”, e sua conclusão que “[...] devemos estar preparados a explorar equivalências conceituais ao invés de identidades objetivas

[...]” (Fausto; Heckenberger, 2007, p. 15) são gratuitas se não anacrônicas, já que mais de vinte anos se passaram desde que um grupo de amazonistas e andeanistas documentaram e interpretaram diversos exemplos de narrativas mítico-históricas por toda a América do Sul (Hill, 1988). Ao fim desse esforço coletivo, tornou-se consenso na antropologia que tais narrativas mito-históricas devem receber atenção séria em qualquer abordagem teórica sobre hibridização, formações sociais sincréticas, etnogênese ou processos históricos de mudança no longo prazo.

Ao escrever sobre narrativas mito-históricas em 2007 como se fossem um tema recém-descoberto, Fausto e Heckenberger não reconhecem o valor do esforço realizado para desenvolver uma abordagem teórica que ataca em duas frentes ao mesmo tempo, baseada na síntese entre a “Nova História da Amazônia” e a “Nova Etnografia da Amazônia”. Entretanto, reinventar a roda das narrativas mito-históricas é somente um de dois sérios problemas na abordagem teórica de Fausto e Heckenberger. Após afirmar, em um primeiro momento, que a eficácia dessas narrativas “[...] se encontra na própria fusão entre mito e história ao invés da separação das duas [...]” (Fausto; Heckenberger, 2007, p. 15), os autores acabam por cair em contradição ao definir o mítico e o histórico como termos polarizados e como alternativas exclusivas de um para o outro, e não com um par de modos cognitivos que trabalham em conjunto em uma variedade de formas criativas. Eles chegam à conclusão bizarra de que “[...] muitas vezes, o trabalho da antropologia não é sobre a escrita ou reconstrução da história, mas sobre relatos de histórias alternativas, cada qual com perspectiva e voz únicas” (Fausto; Heckenberger, 2007, p. 19). Por mais que eu concorde em que o relato de histórias alternativas é parte importante de nosso trabalho como sul-americanistas, ao mesmo tempo discordo fortemente da afirmação que “[...] a antropologia... não é a escrita ou a reconstrução da história [...]” (Fausto; Heckenberger, 2007, p. 19), pois acredito que devemos fazer todo esforço possível para demonstrar como histórias alternativas indígenas são relevantes e significativas para o projeto mais amplo de recuperar o conhecimento histórico por meio de arqueologia, linguística, etnomusicologia, ecologia, botânica, história e outras disciplinas.²

O conceito de etnogênese oferece uma abordagem teórica para pensar a hibridez e o sincretismo, que trata as tensões entre a “Nova Etnografia da Amazônia” e a “Nova História da Amazônia” com sutileza, ao envolver simultaneamente o estudo de ontologias indígenas e construções alternativas da história (como por exemplo, “narrativas mito-históricas”), assim como a reconstrução da história por todas as fontes disponíveis. Tal abordagem tem base na abordagem pioneira de Fredrik Barth (1969) da diferenciação social como processo de marcação de limites étnicos, e se relaciona também com o conceito de Edward Spicer, “sistemas de identidade persistentes” (1982), que permaneceram apesar de séculos de dominação colonial. Recentemente, James Clifford se utilizou da etnogênese e de conceitos relacionados para argumentar que identidades indígenas americanas emergentes são mais bem compreendidas como processos criativos de “refazer autenticamente” ao invés de “[...] a gênese completamente nova, a identidade inventada, o ‘simulacro’ pós-moderno, ou a politicamente limitada ‘invenção da tradição’ analisada por Hobsbawm e Ranger (1983), com seu contraste entre costume vivido e tradição artificial” (Clifford, 2004, p. 20). A elaboração de Clifford sobre as suposições que permeiam tal abordagem teórica valem uma listagem completa, já que envolvem uma ampla gama de dimensões culturais, sociais, econômicas, políticas e históricas. Segundo Clifford (2004, p. 20), a etnogênese supõe que:

- a) “[...] a memória cultural, criativa e seletiva, o controle das fronteiras e a transgressão são aspectos fundamentais da agência coletiva”.
- b) “[...] a cultura é articulada, atuada e traduzida com diferentes graus de poder em diferentes situações relacionais”.
- c) “Pressões econômicas e mudanças nas políticas governamentais são tão parte do processo quanto as mudanças nos contextos ideológicos”.
- d) “Componentes de fontes orais, textos escritos e artefatos materiais ‘tradicionais’ são redescobertos e re-entrelaçados”.
- e) “O apego a lugares, a práticas de subsistência que estão se transformando, a circuitos de migração e as visitas familiares são afirmadas”.

Em breve retornarei à caracterização de Clifford sobre a etnogênese e a recuperação cultural como processos de “refazer autenticamente” novas identidades sociais por meio da redescoberta e remodelação criativas de componentes “tradicionais” como narrativas orais, textos escritos e artefatos materiais, já que é particularmente útil para preencher lacunas que separam a etnologia da arqueologia e da linguística.

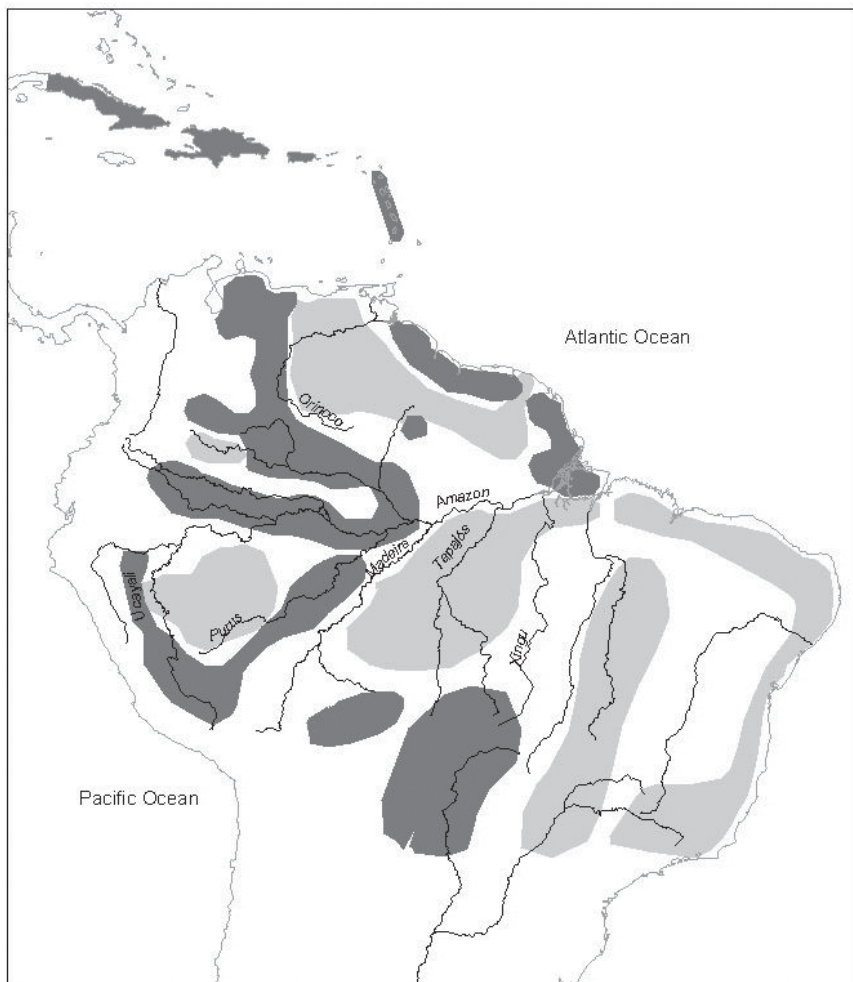
2 Revisitando as Histórias Comparativas Arawak

O projeto “Histórias Comparativas Arawak” reuniu o trabalho de antropólogos que realizaram pesquisas etnográficas intensivas com povos de línguas arawak habitantes de diferentes regiões das Terras Baixas da América do Sul. Por mais que a maioria dos participantes foram antropólogos interessados em etnohistória, o grupo incluiu também dois arqueólogos (Michael Heckenberger and Alberta Zucchi) e um linguista (Sidney da Silva Facundes). Deste modo, o projeto “Histórias comparativas Arawak” antecipava a síntese rigorosa e transdisciplinar entre pesquisas arqueológicas, linguísticas e etnohistóricas na Amazônia que culminaria no volume *Ethnicity in Ancient Amazonia* (Hornborg and Hill 2011).

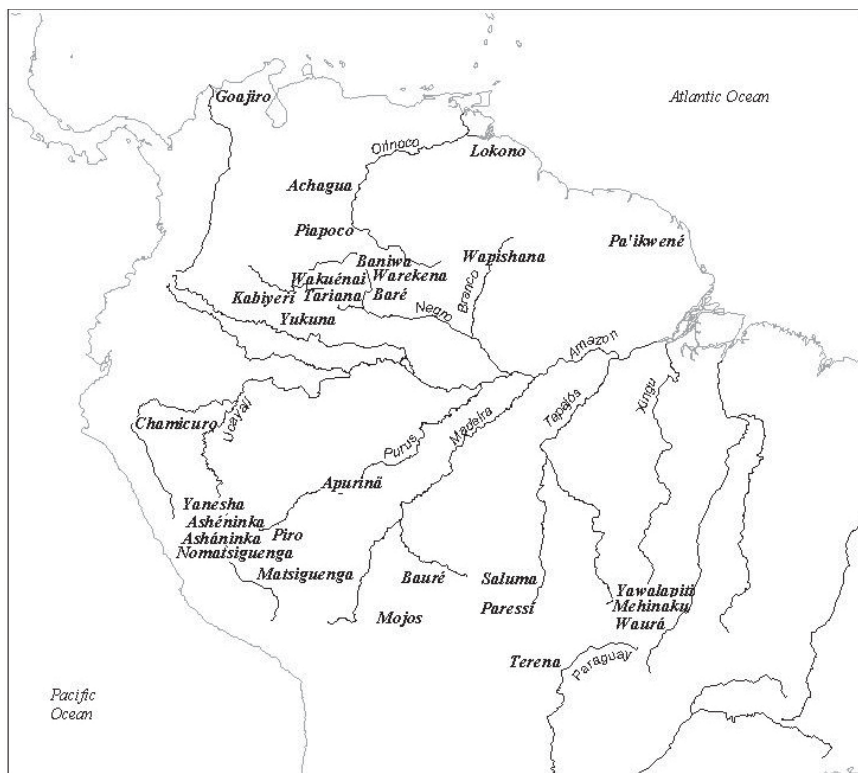
2.1 Como e Por Que o Projeto foi Desenvolvido

A pesquisa sobre línguas e culturas Arawak da América do Sul e da bacia do Caribe enfrenta um problema histórico fundamental: como dar conta da grande distribuição geográfica de uma única família linguística, e como podemos entender as semelhanças e as diferenças dentre grupos tão dispersos? O problema é ainda mais desafiador quando observamos essa distribuição geográfica vasta na perspectiva da longa duração. A reconstrução linguística (Key, 1979) mostra que regiões distantes como a dos Taino, de Cuba; Chané e Terena, do sul do Brasil; Yanesha e Asháninka, do leste do Peru; e Pa'ikwene (Pali-kur), da costa do Brasil, antigamente, estavam conectadas formando uma grande rede de povos falantes de línguas Arawak na bacia do rio Amazonas e seus principais afluentes (ver Mapa 1). Os povos contemporâneos, falantes de línguas Arawak, encontram-se em bolsões

e grupos discretos nas nascentes de grandes rios, como o Orinoco, Negro, Purus, Ucayali, Madeira e Xingu (ver Mapa 2).



Mapa 1. Localização de grupos de língua Arawak, século XV



Mapa 2. Localização de grupos de língua Arawak contemporâneos

O principal objetivo do projeto de histórias comparativas Arawak³ era reunir grupos de pesquisadores – etnólogos e historiadores principalmente, mas também arqueólogos e linguistas – que haviam realizado estudos intensivos de histórias Arawak em regiões e locais específicos para observar como poderiam ser mapeadas as mudanças históricas de longo prazo que se desdobraram em diversas regiões durante o período colonial, o ciclo da borracha, e no passado recente. Assim como os próprios povos Arawak, os especialistas em estudos de histórias Arawak estão dispersos em regiões e países diferentes. A reunião de um grupo desses pesquisadores numa única mesa de conferência no Smithsonian Tropical Research Institute (Cidade do Panamá, Panamá) foi, portanto, uma microrreconstrução da grande diáspora Arawak que havia coberto a maior parte do Caribe, e as bacias do Orinoco e do Amazonas antes da chegada dos colonizadores europeus.

Ao organizar a conferência, pedimos aos participantes que dessem atenção especial aos processos interétnicos de mudança, como os padrões de aliança com poderes coloniais, o aparecimento e a celebração de novos movimentos religiosos, e as construções de confederações interétnicas. Escolhemos esses temas porque pareciam propiciar, através da comparação, novas formas de compreender como diversos povos falantes de línguas Arawak lidaram com as mudanças traumáticas iniciadas pela expansão de estados coloniais e nacionais pelas terras baixas da América do Sul e da bacia do Caribe, como epidemias, trabalho missionário, mudanças forçadas, escravidão e serviço militar étnico. Durante a escrita e a discussão dos trabalhos, outros temas históricos tomaram maior significância, como as relações de gênero, as paisagens culturais, as hierarquias rituais e políticas e as hibridizações linguísticas.

As duas áreas onde é encontrada a maior diversidade cultural entre povos contemporâneos falantes de línguas Arawak são o noroeste do Amazonas e as terras baixas no leste do Peru. Não é surpreendente que essas duas áreas também tenham recebido maior atenção por parte de historiadores e antropólogos. Para o noroeste da Amazônia (Mapa 3), temos atualmente estudos etnográficos em profundidade sobre fratrias Wakuénai (também conhecidos como Curripaco, Kurripako, ou Baniwa do Brasil) vivendo na área dos rios Içana e Guainía, nos três lados da fronteira Brasil/Colômbia/Venezuela (Wright, 1981, 1998; Hill, 1983, 1993; Hill; Wright, 1988; Journet, 1995; Wright, Hill 1986); análises etnohistóricas na longa duração dos Piapoco, Baré e outros grupos da bacia do Rio Negro no Brasil e na Venezuela (Vidal, 1987; 1993; 2000); uma coleção de narrativas míticas dos Warekena (Gonzalez Nãñez, 1980); uma documentação etnográfica completa da língua Kurripako (Granadillo, 2006); e uma série de artigos e trabalhos arqueológicos sobre as expansões dos (Maipurán) povos falantes de línguas Arawak na região dos rios Negro-Casiquiare-Orinoco (Zucchi, 1991a, 1991b, 1991c, 1992, 1993).⁴ Sobre as terras baixas do Peru e áreas adjacentes no oeste do Brasil (Mapa 4), estudos etnográficos e históricos recentes incluem trabalhos importantes sobre os Yanésa ou Amuesha (Smith, 1977; Santos-Granero, 1991, 1992, 1998), Matsiguenga (Renard-Casevitz, 1985, 1991; Johnson, 2003), Piro (Gow,

1991, 2001), Asháninka (Brown; Fernandez, 1991, 1992; Hvalkof, 1986; Veber, 1998) e etno-história regional (Renard-Casevitz; Saignes; Taylor, 1986). Na metade da década de 1990, as terras baixas do noroeste da Amazônia e do leste do Peru representavam as duas áreas onde se desenvolveu o mais sólido conhecimento comparativo intrarregional sobre os processos históricos de mudança que resultaram nas geografias etnolinguísticas contemporâneas dos povos falantes de línguas Arawak. A comparação dessas duas regiões seria logicamente o próximo passo, mas teria de confrontar grandes diferenças assim como padrões semelhantes.



Mapa 3. Grupos de língua Arawak e não Arawak no noroeste amazônico



Mapa 4. Grupos de língua Arawak e não Arawak no oriente peruano e boliviano e noroeste brasileiro

O noroeste da Amazônia e as terras baixas subandinas serviram como pontos principais para ancorar o projeto de histórias comparativas em Arawak. A iniciativa de expandir a comparação, para incluir povos falantes de línguas Arawak em outras áreas-chave (bacia do Orinoco, a região que circunda o Caribe, o leste da Bolívia, o alto Xingu e o nordeste do Brasil), buscava preencher as grandes discontinuidades no tempo-espço que se abriram ao longo dos séculos de expansão de estados ocidentais nas terras baixas da América do Sul.

2.2 Método e Principais Resultados do Projeto de Histórias Comparativas Arawak

A ampla distribuição geográfica dos grupos de línguas Arawak fornece aos pesquisadores tanto desafios quanto oportunidades para realizar análises comparativas. Já que a diáspora Arawak hoje está

composta por nódulos bastante dispersos de grupos linguísticos, é praticamente impossível estabelecer uma provável terra ancestral de origem somente através dos métodos da linguística comparativa. Tais estudos permitiram que especialistas, que trabalham com outras famílias linguísticas sul-americanas, ofereçam argumentos convincentes sobre prováveis terras ancestrais de origem (como, por exemplo, em Durbin (1977) sobre os Carib e Constenla (1995) e sobre os Chibcha). Em outros casos, a circunscrição geográfica das famílias linguísticas elimina a necessidade desse tipo de estudos (como no caso dos Gê do centro do Brasil, os Pano do leste do Peru/oeste do Brasil, ou os Jivaro das terras baixas do Equador/nordeste do Peru).

Pelo contrário, a ampla distribuição de grupos de línguas Arawak pode ser vista como uma situação ideal para criar hipóteses sobre relações entre filiações linguísticas e práticas culturais. Como notamos na introdução de *Comparative Arawakan Histories*, “Os povos falantes de línguas Arawak entraram em relações históricas com grupos pertencentes à maioria das grandes famílias de línguas das terras baixas da América do Sul: Carib, Tukano, Pano e Tupi” (Hill; Santos-Granero, 2002b, p. 12). A família linguística Arawak também é única na medida em que se estende ao longo dos grandes rios das terras baixas da América do Sul (Mapa 1). Visto de maneira abstrata e em escala macroespacial, o padrão de distribuição geográfica se parece com uma “mão” gigantesca, cujos “dedos” se estendem para o sul, sudoeste, oeste, noroeste e nordeste a partir da bacia central do rio Amazonas. O incrível tamanho e complexidade dos processos culturais que marcaram e foram marcados pela diáspora Arawak pede por uma perspectiva amplamente comparativa. Na tentativa de desenvolver tal abordagem comparativa, elaboramos duas questões gerais:

- 1) Como foi que o padrão fluido e contínuo da diáspora dos povos falantes de línguas Arawak no período colonial se transformou no padrão contemporâneo de povos dispersos?
- 2) O que podemos aprender sobre as complexas relações entre língua e cultura por meio da comparação de histórias específicas e da variação sociocultural por longos períodos de tempo e grandes distâncias espaciais dentro de uma única família linguística?

Em termos de metodologia, a comparação de áreas geográficas bastante dispersas foi subsidiada por um rigoroso exame histórico da etnogênese e da diferenciação cultural. A centralidade da história em estudos comparativos significava que estávamos primariamente interessados em estabelecer histórias específicas, locais e regionais, por todos os meios disponíveis. A preocupação em integrar tais histórias com processos mais amplos de expansão colonial e nacional na América Latina e no Caribe foi de suma importância, ao invés de ser apenas mais uma. Em situações de contato os diferentes grupos podem se utilizar de tradições culturais e instituições sociais dos povos conquistadores e conquistados advindos de tempos anteriores (ou pré-contato), mas os arranjos de relações de poder e ideologias resultantes são novas formações sociais. Ao invés de um “navio de história” ancorando em praias de “estruturas culturais” distantes, a situação de contato é compreendida como um entrelace de duas ou mais histórias, anteriormente distintas, em uma única história caracterizada por processos de dominação, resistência e acomodação.

Talvez o resultado geral mais claro que veio à tona do projeto de histórias comparativas Arawak seja o padrão de fluidez, conectividade, abertura e expansividade sociogeográfica dos grupos linguísticos Arawak ao longo dos grandes rios das terras baixas da América do Sul. Tal característica é percebida mais diretamente por meio de mapas etno-históricos que têm o objetivo de reconstruir a distribuição dos povos falantes de línguas Arawak antes do período colonial (Nimuen-dajú, 1981; Key, 1979) (ver Mapa 1). Um padrão de expansão contínua também fica evidente na linguística comparativa, ver Facundes (2002), relatos etnográficos de mitos e rituais indígenas, ver Hill (2002), Vidal (2002), Passes (2002) e em estudos arqueológicos (Zucchi, 2002). A expansividade dos povos falantes de línguas Arawak pode ter sido uma resposta às condições demográficas e ecológicas, mas nosso projeto comparativo indicou uma dinâmica interna, política e social, igualmente importante (Heckenberger, 2002; Zucchi, 2002). O movimento diaspórico contínuo e fluido não é em si exclusivamente ou distintamente Arawak, mas pode ser visto como tipicamente Arawak quando pensado em relação a outras práticas que descreveremos adiante.

O segundo maior resultado do projeto de histórias comparativas Arawak é a ocorrência bastante difundida de formações sociais regionais, inclusive inter-regionais ou macrorregionais, organizadas em relação a locais sagrados comuns. Apesar de tal característica ser semelhante à existência de *patios* centrais e centros ritualísticos encontrados dentre outros povos indígenas das terras baixas da América do Sul, muitos grupos falantes de línguas Arawak têm um senso de ligação intercomunitária muito forte associado à organização de diversas comunidades locais em relação a um local central compartilhado. Ao mesmo tempo, juntamente com essa orientação clara para organização em torno de centros regionais, encontramos uma variedade de práticas de apropriação da paisagem. Essas práticas incluem performances rituais de nomeação de lugares e movimentos por grandes áreas, práticas que atribuem significados históricos às marcas do ambiente, e a marcação das paisagens com desenhos de impronta cultural (Santos-Granero, 1998; Hill, 2002; Wright, 2002; Zucchi, 2002; Vidal, 2002). Tais processos de construção da paisagem (inclusive a orientação regional para um local central compartilhado) não são fixos no tempo-espaço, mas aparecem frequentemente replicados em novas áreas de assentamento, sejam estas resultado da dinâmica sociopolítica interna ou de processos coloniais de deslocamento. (Passes, 2002)



Figura 1: Chefe ancião e seu filho construindo trompetes cerimoniais que recebem o nome do peixe kulírri (curripaco) ou suribim (geral-português)



Figura 2: Homens executando as trompetes na aldeia, acompanhados por um dúo de flautas yapurutú ou máwi. As mulheres se juntam a eles formando casais e dançando

A terceira característica das formações sociopolíticas Arawak é seu caráter aberto e inclusivo, que, frequentemente, se expressa no estabelecimento de alianças amplas entre grupos locais e regionais, tanto em níveis intraétnicos quanto interétnicos (Santos-Granero, 2002; Renard-Casevitz, 2002; Gow, 2002). Tal característica cria um contraste com outros povos indígenas das terras baixas da América do Sul, entre quem as relações sociais e políticas tendem à fragmentação e ao estabelecimento de ordens políticas baseadas na comunidade, impossibilitando a criação de formações sociais e regionais mais amplas. Essa propensão à formação de alianças interétnicas foi (e ainda é) também manifestada na habilidade dos povos falantes de línguas Arawak para criar rapidamente novas confederações regionais no contexto da expansão dos estados coloniais e nacionais, ver Vidal (2002).

Relacionada a essa abertura e atitude inclusiva das formações sociais e políticas Arawak, temos com frequência situações multilíngues, laços translinguísticos, e o desenvolvimento de identidades transétnicas (Santos-Granero, 2002). No leste do Peru, encontramos a “panoização” de povos Arawak, e falantes de línguas Pano “arawaki-

zados”. Processos semelhantes de “tukanização” e “arawakização” estão ocorrendo no noroeste da Amazônia (Wright, 2002). Na bacia do Caribe, durante o início do período colonial, encontramos os ditos Caribs Ilhéus falando uma língua Arawak e demonstrando formas derivadas dos Carib de organização social e política (Whitehead, 2002; Santos-Granero, 2002). Esses processos linguísticos ocorreram em situações tão diversas de contato interétnico que podem ser pensados como uma característica intrínseca das formas Arawak de construção de identidade social.

O estudo comparativo de histórias Arawak também demonstra com clareza chocante a supressão da guerra dentre grupos etnolinguísticos e em formações regionais maiores nas quais eles se encaixam. Apesar de a guerra externa entre grupos Arawak e outros grupos não Arawak ser bastante comum em registros históricos e etnográficos, há evidências avassaladoras da supressão da guerra interna. Incursões e escravidão organizadas, ciclos institucionalizados de vingança e formas de violência coletiva, ligadas a práticas rituais entre as sociedades Arawak, são quase completamente ausentes dos registros históricos e etnográficos (Santos-Granero, 2002; Renard-Casevitz, 2002). A guerra externa e sua ritualização não são fatores constitutivos nas identidades sociais Arawak, como é o caso entre os Jivaro, Carib, Pano e Tupi. Tal contraste sugere a existência de uma ontologia Arawak, na qual predominam o poder ritual e as relações de troca e escambo cerimonial por sobre a atitude predatória e o conflito como princípios básicos de ordenação da vida social e da construção da socialidade.

Relatos etnográficos tendem a caracterizar o regionalismo Arawak como basicamente igualitário, com padrões de escambo intercomunal que enfatizam a reciprocidade equilibrada entre grupos locais de força e *status* relativamente igual (Renard-Casevitz, 2002). Entretanto, partindo de dados históricos e arqueológicos, sabemos que no passado formações regionais Arawak resultaram em formações maiores e politicamente hierarquizadas (Heckenberger, 2002; Zucchi, 2002; Vidal, 2002; Passes, 2002; Whitehead, 2002). Tanto em contextos contemporâneos quanto históricos, encontramos ideologias que estabelecem hierarquias sociais e rituais, baseada em noções de descendência,

ancestralidade e consanguinidade. Em algumas áreas, tais ideologias tomaram a forma de organizações sociais e políticas hierárquicas, nas quais o *status* herdado associado a práticas matrimoniais específicas garantem a reprodução das hierarquias (Heckenberger, 2002; Vidal, 2002; Whitehead, 2002; Hill, 2002; Santos-Granero, 2002). A consciência e a atuação do conhecimento genealógico, das histórias sociais e das ancestralidades míticas são muito mais frequentes em indivíduos de alto *status* do que entre indivíduos em posições mais baixas, ou “da plebe”.

Expressões comuns de hierarquia são, por exemplo, o reconhecimento de genealogias, primogenitura, patrilocalidade, poliginia, endogamia por rangos e outras práticas sociais que resultam na determinação de relações de descendência entre indivíduos de alto *status*. Rituais de iniciação masculina e feminina, envolvendo instrumentos musicais sagrados, gêneros do discurso ritual especializados e línguas bastante elitizadas com frequência acompanham tais práticas sociais. Conforme fontes coloniais, de um lado do espectro, havia grupos como os Taino e os Lokono, onde havia linhagens de elite, rituais que reforçavam as ordens hierárquicas e ideias de ancestralidade divina. A hierarquia também tem forte presença em grupos Arawak do noroeste da Amazônia (Baniwa, Wakuénai/Curripaco, Guarequena, Baré, Pia-poco), nos Llanos (Achagua, Caquetio), Baixo Rio Negro (Açutuba), na periferia do sul da Amazônia (Bauré, Paressí, Terena, Alto Xingu), e no leste do Peru (Yanesha). A hierarquia tem menor expressão entre os Palikur do nordeste do Brasil e entre os grupos Arawak no leste do Peru e no sudoeste do Brasil [Asháninka, Piro (Yine), Apurinã, Mojos]. Do outro lado do espectro, encontramos grupos como os Machiguenga, dentre os quais a hierarquia social e ritual tem uma presença fraca.

Tais variações entre povos falantes de Arawak vivendo em diferentes áreas das terras baixas da América do Sul são mais compreendidas como diferenças no grau com o qual ideologias hierárquicas são atuadas em condições históricas e ecológicas específicas, do que como simples dicotomia entre a presença ou a ausência de hierarquia. A mesma variabilidade foi bem documentada dentre sociedades falantes de línguas Arawak, nas quais a hierarquia é comumente construída de acordo com a situação, e estruturas hierárquicas podem ser alternadas

com (ou abrir caminho para) novos modos igualitários de organização (Hill, 1984, 1989; Santos-Granero, 1986, 1993). As expressões de hierarquia social são quase invariavelmente ligadas diretamente ao poder ritual, comumente expressado em direitos de exclusividade sobre *performances*, línguas, cânticos e parafernália ritual (Hill, 2002; Wright, 2002). Além disso, a liderança política secular é comumente associada com o poder de especialistas rituais e, às vezes, inclusive, englobada por ele. (Vidal, 2002; Santos-Granero, 2002)

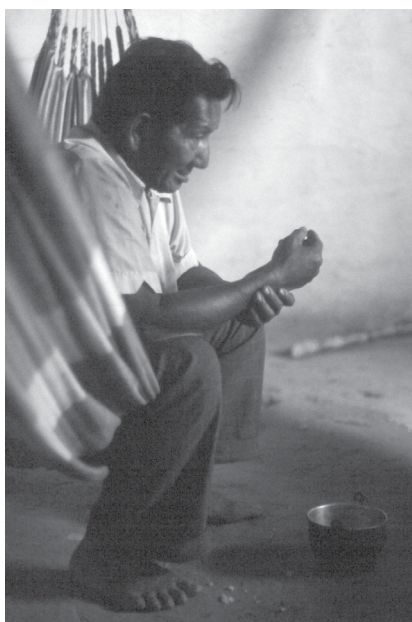


Figura 3: Especialista ritual ancião, cantando para proteger a saúde de uma vítima de feitiçaria

3 Passos para uma Arqueologia da Etnogênese na Amazônia

Em um artigo sobre “Etnogênese, integração regional e ecologia na Amazônia pré-histórica”, Alf Hornborg (2005) utilizou o conceito de etnogênese para desenvolver uma abordagem que permitisse compreender o aparecimento de chefias e de identidades étnicas durante o primeiro milênio a.C., Hornborg (2005, p. 589) argumentou a favor da “[...] primazia das trocas regionais e inter-regionais na distribuição e formação de identidades etnolinguísticas, estudadas por linguistas

e arqueólogos na Amazônia”. Ao invés de um modelo dêmico de migrações de comunidades inteiras de pessoas por longas distâncias, a expansão diaspórica dos Arawak é compreendida como um processo histórico de criação e reprodução de redes de troca que seguiam os caminhos ribeirinhos das bacias do Orinoco e do Alto Amazonas. Expressões indígenas de “consciência cartográfica”, incorporada em petróglifos e outros signos físicos ou em *performances* de arte verbal e ritual, fornecem *insights* importantes sobre como as redes de troca regionais e inter-regionais são construídas e sobre as formas em que se inscrevem nas várzeas, florestas de terras firmes e savanas úmidas. Ao rejeitar os extremos gêmeos de determinismo ambiental e cultural, Hornborg (2005, p. 593) segue a visão de Barth (1969) de etnicidade como “[...] estreitamente articulada com modos tradicionais de subsistência e tipos específicos de paisagens onde são conduzidos”. Ele conclui que a constelação de práticas socioculturais associadas aos povos Arawak da Amazônia é adequada para a construção de sistemas regionais de troca que ligam povos ao longo de grandes distâncias espaciais. (Hornborg, 2005, p. 606)

O artigo de Hornborg em 2005 pedia por uma ampliação dos estudos de etnogênese para identificar padrões históricos de troca e intercâmbio nas terras baixas da América do Sul e para alcançar um engajamento mais completo com a pesquisa arqueológica da região. “Aplicações recentes deste conceito na Amazônia (Hill, 1996b; Schwartz; Salomon, 1999; Hill; Santos-Granero, 2002) reconceitualizaram processos históricos na região de maneira útil, mas seus desdobramentos na arqueologia ainda precisam ser trabalhados” (Hornborg, 2005, p. 595-596). A oficina “Mapeando Culturas” na Lund University (Suécia, 2006), a sessão dupla sobre “Padrões de etnogênese na Amazônia indígena na longa duração” na conferência da *American Anthropological Association* (Washington, DC, EUA) e a oficina de encerramento sobre “Etnolinguística amazonista”, na Lund University, foram um esforço a fim de estimular o desenvolvimento de abordagens etnogenéticas em linguística, arqueologia e etno-história. O volume *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities from Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory* foi logo editado e publicado em 2011 (Hornborg; Hill,

2011). Ao invés de tentar resumir aqui seu conjunto de ensaios, darei foco a dois estudos que fornecem exemplos claros da nova antropologia da etnogênese que começa a vir à tona na antropologia da Amazônia.

O primeiro desses estudos é a interpretação de Eduardo Neves (2011) sobre as aldeias circulares nas várzeas da Amazônia central, “Culturas arqueológicas e identidades do passado na Amazônia central pré-colonial”. Dados arqueológicos desses sítios na Amazônia central indicam uma mudança desde a gestão da paisagem de baixa intensidade, baseada em intervenções humanas em pequena escala (como horticultura de coivara), para a gestão da paisagem de alta intensidade. Essa gestão resultou em “[...] transformações permanentes e, ainda, visíveis da paisagem [...]” (Neves; Petersen, 2005, p. 290), como a criação de grandes áreas de terras pretas antropogênicas (ou “Terra Preta Amazônica”), montículos cerimoniais e funerários, valas defensivas e artefatos de cerâmica decorada. A cronologia da cerâmica envolve três fases gerais, segundo Neves e Petersen (2005, p. 289):

- 1) Manacapuru (400 a.C. – 900 d. C., tradição barrancoide amazônica);
- 2) Paredão (700-1000 d.C., tradição local); e
- 3) Guarita (1000-1600 d.C., tradição policromática da Amazônia).

Apesar da longevidade dessas fases cerâmicas e de evidências da ocupação de longo prazo do Lago Grande e outros sítios, o estudo da formação da Terra Preta Amazônica em sítios no entorno de florestas de terras firmes demonstra que eram frequentes as interrupções e os abandonos de sítios:

Os dados do Projeto Amazonia Central (PAC) sobre a formação e abandono de sítios sugere que as chefias do centro da bacia amazônica eram formações sociais cíclicas ou centrífugas, caracterizadas por processos alternados de centralização e descentralização política. ... Entretanto, a descentralização e a desagregação política é demonstrável pelo abandono repentino de alguns destes sítios, tanto grandes quanto pequenos. (Neves; Petersen, 2005, p. 291)

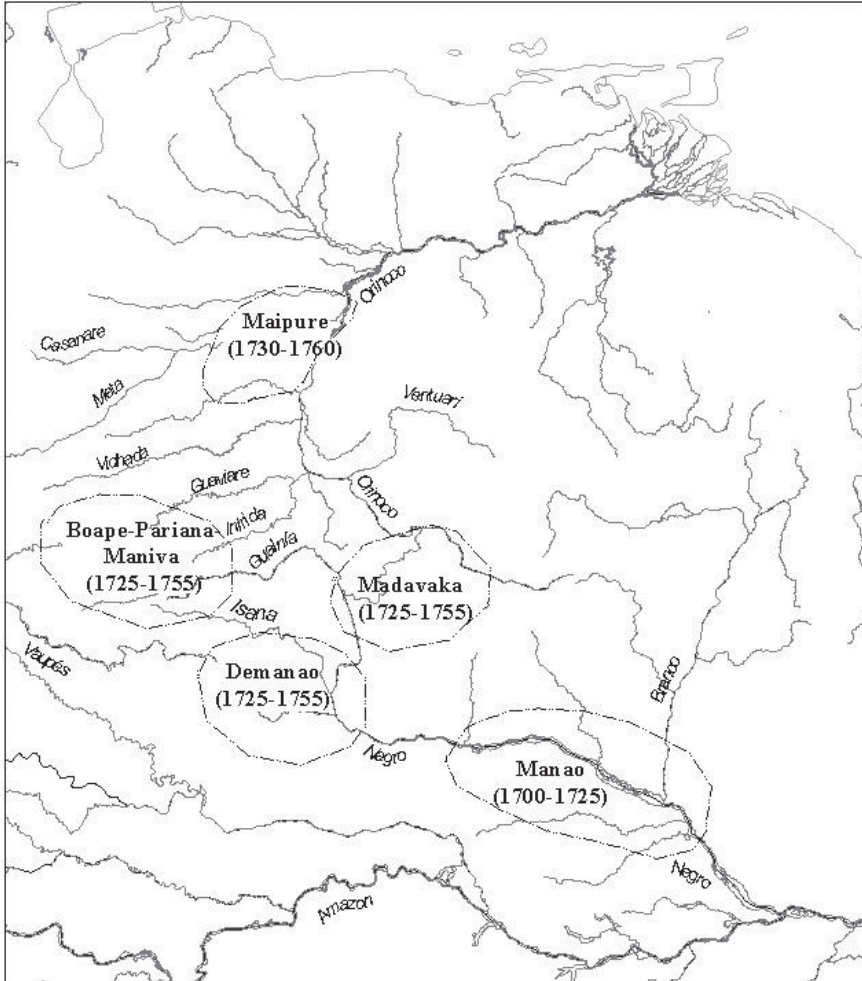
Os autores concluem que tais economias políticas no centro da Amazônia eram caracterizadas pelo jogo entre tendências opostas direcionadas para “[...] ideologias hierárquicas centrípetas e centralizadores [...]” e “[...] unidades produtivas descentralizadas, de base doméstica, centrífugas e fragmentadas”. (Neves; Petersen, 2005, p. 302)

Neves e Petersen buscam evidências arqueológicas dessas tendências opostas na distribuição espacial entre grandes sítios baseados na gestão da paisagem de alta intensidade e sítios contemporâneos menores. A fim de colocar tal distribuição espacial em termos mais dinâmicos e históricos, serão necessários estudos sobre as mudanças nos padrões de troca e intercâmbio entre sítios da região e com sítios de outras regiões. Quais condições sociopolíticas teriam favorecido a formação, *versus* a fragmentação, de comunidades políticas maiores, mais hierárquicas e mais centralizadas? Como hipótese provisória, sugiro que a etnogênese favoreceu o desenvolvimento de economias políticas centrípetas e hierárquicas em períodos nos quais as relações de troca e alianças interétnicas estavam em contração.

A mudança para gestão da paisagem de alta intensidade, em detrimento de longos períodos de ocupação contínua, foi recursivamente relacionada à criação de grandes áreas de Terra Preta Amazônica; já que os montículos nos sítios pesquisados pelo Projeto Amazônia Central (PAC) eram formados quase inteiramente por solos de Terra Preta misturada com cerâmicas antigas e contemporâneas (Neves; Petersen, 2005, p. 296-297). Tais montículos cerimoniais e funerários eram construídos com grandes quantidades de terra preta misturada com “[...] fragmentos de todos os três complexos cerâmicos do sítio [...]”, apresentando “localização horizontal e paralela” de muitos fragmentos grandes em diversos montículos (Neves; Petersen, 2005, p. 296). Portanto, os montículos não somente concretizam manifestações da recursividade entre a história ambiental, a gestão da paisagem de alta intensidade e economias políticas hierárquicas, mas também ilustram a etnogênese como processo do refazer de novas identidades sociais pela redescoberta e remodelação criativa de componentes “tradicionais” como narrativas orais, textos escritos e artefatos materiais. Uma vez estabelecida, a expansão de relações interétnicas e inter-regionais

de troca e alianças teria iniciado novos processos de “crioulização” e formação de identidades transétnicas.

Os estudos etno-históricos de Silvia Vidal (1993, 2002) sobre a ascensão e a queda das confederações Arawak no período colonial iluminam tais processos etnogênicos de centralização e fragmentação, apesar de ser em uma escala temporal muito menor e em condições de colapso demográfico e de rápidas mudanças políticas, e não em ocupações contínuas de sítios em longo prazo (ver Mapa 5). Esse mapa é uma instantânea de sociedades indígenas que lutam pela sobrevivência entre as garras de vendedores de escravos holandês-Carib, entrando pelo norte e leste, e o colonialismo português-brasileiro expandindo-se desde o sul e o leste. As confederações podem ser interpretadas como uma série de tentativas desesperadas para formar novas economias políticas hierárquicas centralizadas, seguidas de períodos de dispersão em grupos remanescentes e do aparecimento de novas hierarquias. Essa série de confederações acabou por resultar no etnocídio de muitos grandes grupos Arawak que viviam em regiões rio abaixo (como por exemplo, os Manao do Baixo Rio Negro e os Maipure do Meio Orinoco). Outros grupos, como os Baré, Wakuénai, Baniwa, Piapoco e Guarequena sobreviveram ou vieram a sobreviver em áreas de nascente, onde seus descendentes vivem até hoje.



Mapa 5. O mapa apresenta a ascensão e queda das confederações de língua Arawak ao Longo do Rio Negro e do Alto Orinoco durante o século XVIII. (Adaptado de Vidal, 1993)

Em conjunto, a arqueologia e a etno-história fornecem as fontes mais confiáveis de conhecimento para explorar substancialmente as novas abordagens teóricas sobre processos de etnogênese e transformação histórica na longa duração. A antropologia linguística, particularmente a linguística histórica, também pode iluminar tais processos de maneira importante. Em seu estudo sobre a difusão das línguas

Arawak, Danielsen *et al.* (2011) apresentam resultados da primeira análise de um banco de dados de características estruturais (ao invés de meramente lexicais) das línguas Arawak. Também é o primeiro estudo de sua área que utilizou medidas de distância de isolamento como base para uma análise estatística da distribuição geográfica e histórica de características estruturais, utilizando o programa *Splits Tree* (chamado *NeighborNet*) para resultar em uma classificação da família linguística. A partir de sua análise, Danielsen *et al.* (2011) concluem que:

- a) a geografia prevê somente 7% das semelhanças tipológicas entre línguas Arawak, sendo esse um número bastante baixo;
- b) os resultados do *NeighborNet* sugerem ramificações relativamente limitadas dentro da família linguística;
- c) que as línguas não se difundiram sucessivamente em uma grande etapa migratória, mas na verdade, em ondas; e
- d) que a difusão foi do norte para o sul.

Os resultados da análise comparativa de Danielsen *et al.* (2011), sobre as características estruturais das línguas Arawak são coerentes com as pesquisas atualmente em andamento sobre o desenvolvimento da hierarquia social e da expansão das línguas Arawak nas terras baixas da América do Sul. Nesses estudos, os pesquisadores observaram expressões variáveis de hierarquia social encontradas em regiões geograficamente dispersas de povos falantes de línguas Arawak e concluíram que “descendências com modificação desde uma população-mãe (transmissão vertical)” oferecem uma explicação mais parcimoniosa para a presença da hierarquia social em todos os cinco maiores ramos da árvore linguística Arawak, em detrimento do empréstimo “de populações vizinhas (transmissão horizontal)” (Walker *et al.*, 2011). A análise quantitativa das listas de palavras de Swadesh de 33 línguas Arawak não sustentaram a tese da separação profunda entre os ramos norte e sul da família Arawak (Aikhenvald, 1999) e conduziram a conclusão de que houve “[...] pelo menos cinco eventos migratórios independentes desde uma terra de origem no noroeste amazônico” (Walker *et al.*, 2011). Esses resultados são consistentes com os resultados da análise comparativa de línguas Arawak baseada em características estruturais (ao invés de semânticas ou lexicais). Daniel-

sen *et al.* (2011) dizem que não há uma divisão clara entre norte e sul, que as línguas se difundiram em diversas ondas ao invés de um único *big bang*, e que a difusão provavelmente se deu do norte para o sul.

Considerada por inteiro, a síntese entre etno-história, arqueologia e linguística que informa a “Etnicidade na Amazônia Antiga” (Hornborg; Hill, 2011) abre caminho para uma nova abordagem para o estudo de processos históricos na longa duração nas terras baixas da América do Sul. Ao invés de tentar abafar das tensões entre a “Nova História da Amazônia” e a “Nova Etnografia da Amazônia”, privilegiando uma ou a outra (Fausto; Heckenberger, 2007), o objetivo dessa nova síntese é reuni-las dentro de um modelo holístico de arqueologia, etnografia, história e linguística que utiliza as tensões criativas entre história e etnografia como trampolim para a geração e teste de novas hipóteses. Essas novas hipóteses inclui diversos postulados que começam a ganhar aceitação dentre uma maioria de acadêmicos amazonistas:

- a) A expansão das comunidades falantes de línguas Arawak ocorreu em uma série de ondas ao longo de grandes rios e canais da Amazônia, em um período de cerca de dois milênios (aproximadamente, de 400 a.C. a 1500 d.C.).
- b) Passagens terrestres conectando canais de grandes sistemas fluviais serviram como canais secundários importantes para troca e comunicação, e tornaram-se cada vez mais importantes nas “migrações de sobrevivência” dos povos falantes de línguas Arawak durante as mudanças traumáticas do colonialismo e de períodos históricos mais recentes.
- c) As expansões de comunidades linguísticas falantes de línguas Arawak não foram migrações de povos inteiros por uma paisagem vazia, mas processos de visitação e trocas de longa distância com uma diversidade de outras comunidades linguísticas ao longo dos séculos, o que resultou em diversas hibridizações culturais, criouliização linguística e redes multilíngues em grandes áreas.
- d) Uma vez estabelecidas em um só lugar, as formações sociais Arawak tendiam a cultivar histórias profundas, resultando em ocupações contínuas, sedentárias e de longo prazo de grandes

sítios, com a construção de estradas, geoglifos e outras alterações de nível do terreno.

4 Conclusões

O crescente interesse na antropologia sociocultural por processos históricos de mudança na longa duração e pelas relações de troca em grande escala dentre e através de regiões da América do Sul, abre caminho para trabalhos colaborativos construtivos com a arqueologia e a linguística histórica. Ao mesmo tempo, o abandono do determinismo ambiental para dar cada vez mais atenção à paisagem como algo “[...] construído historicamente, que reflete práticas de gestão em mutação que deixam impressões visíveis de agência humana passada [...]” (Neves; Petersen, 2005, p. 279) fornece um território comum importante para colaborações entre a arqueologia e a antropologia sociocultural. Nas duas áreas, o interesse em estudar relações de poder dentre e entre comunidades indígenas, assim como a alternância entre a centralização e a fragmentação, permitem a exploração de transformações de identidades sociais e paisagens humanas pré-contato e pós-contato.

Ao reconhecer as mudanças profundas trazidas pela colonização europeia e a ascensão dos Estados-Nação independentes, podemos também evitar abordagens essencialistas que categorizam aos indígenas pré-contato como “Povos Sem História”, ou identidades indígenas pós-contato como meras “reinvenções” artificiais de culturas do passado. Ao invés disso, a etnogênese pode ser redefinida como processo do refazer autêntico de novas identidades sociais, por meio da redescoberta e remodelação criativas de componentes “tradicionais”, tais como narrativas orais, textos escritos e artefatos materiais.

Compreendida nestes termos, a etnogênese permite que exploremos a criatividade cultural de povos indígenas e não indígenas, como a elaboração de novos espaços políticos e de interpretação que permitem às pessoas e aos grupos construir identidades sociais persistentes ao mesmo tempo em que modelam seu futuro no contexto de globalização dos estados-nação da América Latina.

Notas:

- ¹ Este texto foi apresentado como Conferência de encerramento do *Colóquio Arte e Sociabilidades. Pesquisa, colaboração e fronteiras*, realizado em agosto de 2012, na UFAM (Manaus) e na UFSC (Florianópolis). O Colóquio, organizado pelo MUSA/PPGAS/UFSC e MBARAKA/PPGAS/UFAM contou com o apoio do INCT Brasil Plural e do Procad- NF UFRN/UFAM/UFSC (Capes). Traduzido por Meggie Rosar Fornazari (Programa de Pós-Graduação em Inglês, Universidade Federal de Santa Catarina). Revisão da tradução: María Eugenia Domínguez (PPGAS-UFSC) e Deise Lucy Montardo (PPGAS-UFAM). Uma versão anterior deste texto foi publicada em inglês em *Acta Historica Universitatis Klaipedensis* cujo comitê editorial autorizou a publicação na *Revista Ilha* desta versão expandida em português.
- ² Eu concordaria com a conclusão se ela sofresse uma simples alteração para “[...] o trabalho da antropologia não é *somente* escrever ou reconstruir a história, mas *também* relatar histórias alternativas, cada qual com perspectiva e voz únicas”.
- ³ O financiamento de viagens para a conferência sobre “Histórias comparativas em Arawak: Repensando Famílias linguísticas e Áreas Culturais nas Terras Baixas da América do Sul” foi fornecido por uma bolsa de conferências da Wenner-Gren Foundation for Anthropological Research. O Smithsonian Tropical Research Institute (STRI) cordialmente forneceu acomodações hoteleiras, alimentação, e a utilização do Tucker Conference Center para as reuniões acadêmicas. Além disso, o STRI pagou pela minha segunda viagem à Cidade do Panamá, para me permitir coautorar o ensaio introdutório de *Comparative Arawakan Histories* (Hill; Santos-Granero, 2002a) com Fernando Santos-Granero, e cobriu os custos da tradução de um dos capítulos do livro.
- ⁴ Além disso, no mesmo período, pesquisas etnográficas historicamente informadas sobre os Arapasso (Chernela, 1988), Wanano (Chernela, 1993), Desana (Reichel-Dolmatoff, 1985) e Barasana (Hugh-Jones, 1988) ampliaram largamente nosso nível de conhecimento e entendimento das complexas relações históricas entre os Tukano do leste e os Arawak do norte no noroeste do Amazonas como um todo, ver Hill (1996b).

Referências

ARVELO-JIMÉNEZ, Nelly Horacio Biord. The Impact of Conquest on Contemporary Indigenous Peoples of the Guiana Shield: The System of Orinoco Regional Interdependence. In: ROOSEVELT, Anna (Ed.) *Amazonian Indians from Prehistory to the Present: Anthropological Perspectives*. Tucson: University of Arizona Press, 1994. p. 55-78.

BARTH, Fredrik. (Ed.) *Ethnic groups and boundaries: the social organization of cultural difference*. Boston: Little, Brown, 1969.

BROWN, Michael; FERNANDEZ, Eduardo. *War of Shadows*. Berkeley: University of California Press, 1991.

_____. Tribe and State in a Frontier Mosaic: The Asháninka of Eastern Peru. In: FERGUSON, Brian; WHITEHEAD, Neil L. (Ed.) *War in the Tribal Zone: Expanding States and Indigenous Warfare*. Sant Fe, NM: School of American Research, 1992. p. 175-197.

CHERNELA, Janet M. Righting History in the Northwest Amazon: Myth, Structure and History in an Arapaço Narrative. In: *Rethinking History and Myth: Indigenous South American Perspectives on the Past*. Ed. Jonathan D. Hill. 35-49. Urbana: University of Illinois Press, 1988.

_____. *The Wanano Indians of the Brazilian Amazon: a sense of space*. Austin: University of Texas Press, 1993.

CONSTENLA UMAÑA, Adolfo. *Sobre el estudio diacrónico de las lenguas chibchenses y su contribución al conocimiento del pasado de sus hablantes*. Bogotá: Biblioteca de Luis Ángel Arango del Banco de la República, 1995.

DANIELSEN, Swintha; MICHAEL Dunn; PIETER Muysken. The Spread of the Arawak Languages: A View from Structural Phylogenetics. In: *Ethnicity in Ancient Amazonia: Reconstructing Past Identities From Archaeology, Linguistics, and Ethnohistory*. Alf Hornborg and Jonathan D. Hill, eds. Boulder, CO: University Press of Colorado, 2011. p. 173-196.

DURBIN, Marshall. A Survey of the Carib Language Family. In: *Carib-speaking Indians. Culture, Society and Language*. Ed. Ellen B. Basso. Anthropological Papers 28: 23-38. Tucson: The University of Arizona Press, 1977.

FACUNDES, Sidney da Silva. Historical Linguistics and its Contribution to Improve the Knowledge of Arawak. In: HILL Jonathan; Fernando SANTOS-GRANERO (Ed.). *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 74-96.

FAUSTO, Carlos. Fire le mythe: histoire, récit et transformation en Amazonie. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, France, 88: 69-90, 2002.

FAUSTO, Carlos; Michael Heckenberger. Introduction: Indigenous History and the History of the "Indians. In: Carlos FAUSTO; Michael HECKENBERGER (Ed.) *Time and Memory in Indigenous Amazonia: Anthropological Perspectives*. Gainesville, FL: University of Florida Press, 2007. p. 1-43.

FERGUSON, Brian; Neil L. WHITEHEAD. (Ed.) *War and the Tribal Zone: Expanding States and Indigenous Warfare*. Santa Fe, NM: School of American Research Press, 1992.

GONZALEZ NÁÑEZ, Omar. *Mitología Guarequena*. Caracas: Monte Avila Editores, 1980.

GOW, Peter. *Of Mixed Blood. Kinship and History in the Peruvian Amazon*. Oxford: Clarendon Press, 1991.

_____. *An Amazonian Myth and its History*. Oxford and New York: Oxford University Press, 2001.

_____. Piro, Apurinã and Campa: Social Dissimilation and Assimilation as Historical Processes in Southwestern Amazonia. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p.147-170.

GRANADILLO, Tania. An Ethnographic Account of Language Documentation among the Kurripako of Venezuela. Ph.D. dissertation, Departments of Anthropology and Linguistics, University of Arizona, 2006.

HECKENBERGER, Michael. Rethinking the Arawakan Diaspora: Hierarchy, Regionality, and the Amazonian Formative. In: Jonathan HILL; Fernando SANTOS-GRANERO. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 99-122.

HILL, Jonathan. *Wakuénai Society: a processual-structural analysis of indigenous cultural life in the upper Rio Negro Region of Venezuela*. Ph.D. Dissertation. Indiana University, 1983.

_____. Social Equality and Ritual Hierarchy: the Arawakan Wakuénai of Venezuela. *American Ethnologist*, 11(3): 528-544, 1984. Washington, D.C., USA.

_____. Introduction: Myth and History. In: Jonathan HILL (Ed.). *Rethinking History and Myth*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1998. p. 1-17.

_____. Ritual Production of Environmental History among the Arawakan Wakuénai of Venezuela. *Human Ecology*, 17(1): 1-25, 1989. New York, NY, USA.

_____. *Keepers of the Sacred Chants: the poetics of ritual power in an Amazonian Society*. Tucson, AZ: University of Arizona Press, 1993.

_____. Introduction: Ethnogenesis in the Americas, 1492-1992. In: HILL, Jonathan, D. (Ed.). *History, Power and Identity: ethnogenesis in the Americas, 1492-1992*. Iowa City: University of Iowa Press, 1996a, p. 1-19.

_____. Northern Arawakan Ethnogenesis and Historical Transformations. In: J. HILL, (Ed.) *History, Power, and Identity: ethnogenesis in the Americas, 1492-1992*. Iowa City: University of Iowa Press, 1996b. p. 142-160.

_____. Nationalisme, chamanisme et histoires indigènes au Venezuela. *Ethnologie Française*, Paris, France, 29(3): 387-396, 1999.

_____. Varieties of Fertility Cultism in Amazonia: a closer look at gender symbolism in Northwestern Amazonia. In: T. GREGOR; D. TUZIN (Ed.) *Gender in Amazonia and Melanesia: an exploration of the comparative method*, Berkeley: University of California Press, 2000. p. 45-68.

_____. Shamanism, Colonialism, and the Wild Woman: Fertility Cultism and Historical Dynamics in the Upper Rio Negro Region. In: Jonathan HILL; Fernando SANTOS-GRANERO. (Ed). *Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*, Urbana, IL: University of Illinois Press, 2000. p. 223-247.

_____. *Made-From-Bone: trickster myths, music, and history in the Amazon*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2008.

HILL, Jonathan; Fernando SANTOS-GRANERO. (Ed.). *Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Co-edited with Fernando Santos-Granero. Urbana, IL, University of Illinois Press, 2002a.

HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. Introduction. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002b. p. 1-22.

HILL, Jonathan; WRIGHT, Robin. Time, Narrative, and Ritual: historical interpretations from an Amazonian Society. Co-authored with Robin Wright. In: HILL, Jonathan. *Rethinking History and Myth*. Hill, editor, 1988. p. 78-106.

HORNBORG, Alf. Ethnogenesis, Regional Integration, and Ecology in Prehistoric Amazonia. *Current Anthropology*, Chicago, IL, USA. 46(4), p. 589-620, 2005. .

HORNBORG, Alf; Jonathan HILL. *Ethnicity in Ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory*. Boulder, CO: University Press of Colorado, 2011.

HUGH-JONES, Stephen. The gun and the bow: myths of white men and Indians. *Homme: Revue française d'anthropologie*, Paris, France. 106/107: 138-155, 1988.

HVALKOF, Soren. El Drama Actual del Gran Pajonal, Primera Parte: Recursos, Historia, Población y Producción Asháninka. *Amazonía Peruana*, Lima, Peru, 6(12): 22-30, 1986.

JOHNSON, Allen. *Familias of the Forest: the matsigenka indians of the Peruvian Amazon*. Berkeley: University of California Press, 2003.

JOURNET, Nicolas. *La Paix des Jardins: Structures Sociales des Indiens Curripaco du Haut. Rio Negro, Colombie*. Paris: Institut d'Ethnologie, Musée de l'Homme, 1995.

KEY, Mary Ritchie. *The Grouping of South American Languages*. Tübingen: Gunter Narr, 1979.

NIMUENDAJÚ, Curt. *Mapa EtnoHistorico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1981.

NEVES, Eduardo. Archaeological Cultures and Past Identities in the Pre-Colonial Central Amazon. In: *Ethnicity in Ancient Amazonia: reconstructing past identities from archaeology, linguistics, and ethnohistory*, Alf Hornborg and Jonathan D. Hill (Ed) Boulder, CO: University Press of Colorado, 2011. p. 31-56.

NEVES, Eduardo and James Petersen. Political Economy and Pre-Columbian Landscape Transformations in Central Amazonia. In: *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in the Neotropical Lowlands*, William Balée and Clark Erickson (Ed). New York: Columbia University Press, 2005. p. 279-310.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. Estudo de áreas de fricção interétnica do Brasil. In: *O Índio e o Mundo dos Brancos*. São Paulo: Difel, 1964, p. 127-132.

PASSES, Alan. Both Omphalos and Margin: On How the Pa'ikwené (Palikur) See Themselves to Be at the Centre and on the Edge at One and the Same Time. In: Jonathan Hill and Fernando Santos-Granero (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 171-195.

REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo. Tapir Avoidance in the Colombian Northwest Amazon. In: *Animal Myths and Metaphors in South America*. Ed. Gary Urton. Salt Lake City: University of Utah Press, 1985. p. 107-144.

RENARD-CASEVITZ, France Marie. Guerre, Violence et Identité a Partir de Sociétés du Piémont Amazonien des Andes Centrales. *Cahiers ORSTOM, Série Sciences Humaines*, Paris, France, 21(1): 81-98, 1985.

_____. *Le Banquet Masqué. Une Mythologie de l'Etranger*. Paris: Lierre et Coudrier, 1991.

_____. Social Forms and Regressive History: From the Campa Cluster to the Mojos and from the Mojos to the Landscaping Terrace-Builders of the Bolivian Savanna. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 123-146.

RENARD-CASEVITZ, France Marie; OLIVIER, Dollfus. Geografía de Algunos Mitos y Creencias. Espacios Simbólicos y Realidades Geográficas de los Machinguenga del Alto Urubamba. *Amazonía Peruana*, Lima, Peru, 8(16): 7-40, 1988.

SALOMON, Frank. Testimonies: The Making and reading of Native South American Historical Sources. In: Frank SALOMON; Stuart SCHWARTZ. (Ed.) *South America*, v. 3 of *The Cambridge History of the Native Peoples of the Americas*. 2 pts. Cambridge: Cambridge University Press, pt. I, 1999. p. 19-95.

SANTOS-GRANERO, Fernando. The Moral and Social Aspects of Equality Amongst the Amuesha of Central Peru. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, France, 72: 107-131, 1986.

_____. *The Power of Love: The Moral Use of Knowledge Amongst the Amuesha of Central Peru*. Monographs on Social Anthropology 62. London School of Economics and Political Science. London: Athlone Press, 1991.

_____. Anticolonialismo, Mesianismo y Utopía en la Sublevación de Juan Santos Atahualpa, Siglo XVIII. In: *Opresión Colonial y Resistencia Indígena en la Alta Amazonía*. Ed. Fernando Santos Granero. Quito: Abya-Yala/CEDIME/FLACSO-Ecuador, 1992. p. 103-134.

_____. Templos e Ferrarias: Utopia e Reinvenção Cultural no Oriente Peruano. In: *Amazônia. Etnologia e História Indígena*. (Ed.) Eduardo Viveiros de Castro and Manuela Carneiro da Cunha, São Paulo, Brasil, 1993. p. 67-93.

_____. Writing History into the Landscape: Space, Myth and Ritual in Contemporary Amazonia. *American Ethnologist* 25(2): 128-148, 1998. Washington, D.C., USA

_____. The Arawakan Matrix. Ethos, Language, and History in Native South America. In: Jonathan HILL; Fernando SANTOS-GRANERO. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 25-50.

SMITH, Richard C. Deliverance from Chaos for a Song: a social and religious interpretation of the ritual performance of amuesha music. Ph.D. dissertation, Department of Anthropology, Cornell University, 1977.

SPICER, Edward. The nations of a state. *Boundary*, Durham, NC, USA, 2, 19 (3): 26-48, 1982.

TURNER, Terence. Ethno-ethnohistory: Myth and History in Native South American Representations of Contact with Western Society. In: Jonathan HILL. (Ed.) *Rethinking History and Myth*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 1988. p. 235-281.

VEBER, Hanne. The salt of the montaña: Interpreting indigenous activism in the rain forest. *Cultural Anthropology*, Washington, D.C. USA, 13, p. 382-413, 1998.

VIDAL, Silvia M. El Modelo del Proceso Migratorio Prehispánico de los Piapoco: Hipótesis y Evidencias. M. A. Thesis. Centro de Estudios Avanzados; Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 1987.

_____. Reconstrucción de los Procesos de Etnogénesis y de Reproducción Social entre los Baré de Río Negro (Siglos XVI-XVIII). Ph.D. Dissertation. Centro de Estudios Avanzados; Instituto Venezolano de Investigaciones Científicas, 1993.

_____. Kuwé Duwákalumi: The Arawak Secret Routes of Migration, Trade, and Resistance. *Ethnohistory*, Durham, NC, USA., 47(3), p. 221-280, 2000.

_____. Secret Religious Cults and Political Leadership: Multiethnic Confederacies from Northwestern Amazonia. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p.248-268.

WALKER, Robert S.; LINCOLN, Ribeiro. Bayesian phylogeography of the Arawak expansion in lowland South America. *Proceedings: Biological Sciences*. Vol. 278, No. 1718 (7 September 2011) (p. 2562-2567). London, UK: The Royal Society.

WHITEHEAD, Neil. Arawak Linguistic and Cultural Identity through Time: Contact, Colonialism, and Creolization. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: rethinking language family and culture area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 51-73.

WRIGHT, Robin M. *The History and Religion of the Baniwa Peoples of the Upper Rio Negro Valley*. Ph.D. Dissertation. Stanford University. Ann Arbor: University Microfilms, 1981.

_____. *Cosmos, Self and History in Baniwa Religion. For Those Unborn*. Austin: University of Texas Press, 1998.

_____. Prophetic Traditions among the Baniwa and other Arawakan Peoples of the Northwest Amazon. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.) *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 269-291.

WRIGHT, Robin M.; Jonathan D. HILL. History, Ritual and Myth: Nineteenth Century Millenarian Movements in the Northwest Amazon. *Ethnohistory*, Durham, NC, USA, 33(1), p. 31-54, 1986.

ZUCCHI, Alberta. Las Migraciones Maipures: Diversas Líneas de Evidencia para la Interpretación Arqueológica. *América Negra*, Bogotá, Colombia, 1: 113-138, 1991a.

_____. El Negro-Casiquiare-Alto Orinoco Como Ruta Conectiva entre el Amazonas y el Norte de Suramérica. In: *Proceedings of the Twelfth Congress of the International Association for Caribbean Archaeology*, Martinique, 1-33, 1991b.

_____. Prehispanic Connections between the Orinoco, the Amazon, and the Caribbean Area. In: *Proceedings of the Thirteenth International Congress for Caribbean Archaeology*, Curaçao, p. 202-220, 1991c.

_____. Lingüística, Etnografía, Arqueología y Cambios Climáticos: La Dispersión de los Arawako en el Noroeste Amazónico. In: *Archaeology and Environment in Latin America*. Ed. Omar R. Ortiz-Troncoso and Thomas Van der Hammen, p. 223-252, 1992. Amsterdam: Instituut voor Pre-en Protohistorische Archeologie Albert Egges Van Giffen, Universiteit van Amsterdam, 1992.

_____. Datos Recientes para un Nuevo Modelo sobre la Expansión de los Grupos Maipure del Norte. *América Negra*, Bogotá, Colombia, 6, p. 131-148, 1993.

_____. A New Model of the Northern Arawakan Expansion. In: HILL, Jonathan; SANTOS-GRANERO, Fernando. (Ed.). *Comparative Arawakan Histories: Rethinking Language Family and Culture Area in Amazonia*. Urbana, IL: University of Illinois Press, 2002. p. 199-222.

Recebido em 26/04/2013

Aceito em 08/08/2013